

# Olhos de quem vê

OBSERVAÇÕES SOBRE O LIVRO DO JORNALISTA ERNESTO RODRIGUES, "O TRAÇO DA CULTURA: O DESAFIO DE SER OMBUDSMAN DA TV CULTURA, A EMISSORA MAIS FESTEJADA E MENOS ASSISTIDA DO BRASIL."<sup>1</sup>

Hélio Lemos Sólha

Mestre em Mídias pela Universidade Estadual de Campinas / Unicamp

Narrando aventuras e desventuras como ombudsman da TV Cultura, entre os anos de 2008 e 2010, o livro de Ernesto Rodrigues está baseado na compilação de "mais de 500 textos" escritos durante o período, mas que, em sua opinião, se mantiveram em "virtual clandestinidade", ao serem "escondidos no blog do ombudsman hospedado na página de Internet da emissora aberta menos assistida de São Paulo". Tornar público o conteúdo desses textos é o objetivo expresso do autor, como explica na sequência: "Daí a ideia de sair da clandestinidade e compartilhar com quem quiser (...) o tremendo choque profissional e as poderosas lições da experiência de telespectador compulsório de dois longos anos da programação do horário nobre da TV Cultura" (pp.14-15).

Apesar da apresentação aparentemente rancorosa sobre as motivações do autor para a sua publicação, o livro está muito além de ser uma simples coletânea daqueles textos. Ao contrário, o leitor que chegar ao livro com a expectativa de conhecer a íntegra dos 500 textos será surpreendido com uma análise minuciosa e profissional das dinâmicas de trabalho da emissora e dos conceitos – ou da falta deles, na opinião de Rodrigues – de constituição da grade de programação da TV Cultura. Da mesma forma, do rancor inicial, o texto, contundentemente crítico, revela, até mesmo, momentos de carinho por aquilo que o autor classificou como "um parque de diversões da elite paulistana em que todos trabalhavam de costas para o público, sem querer saber se ele estava satisfeito. Ou mesmo presente" (p.16).

A dureza da crítica e o confessado choque profissional revelam, com honestidade, o olhar de um jornalista profissional, formado nas lides cotidianas das empresas comerciais de comunicação, acostumado às expectativas de produção da maior rede de TV aberta privada brasileira, sobre a mais importante herdeira do sistema brasileiro de TVs educativas dos anos 60. Sobre este distanciamento ao cotidiano dos que trabalham para manter a TV Cultura no ar há tanto tempo, Rodrigues não deixa qualquer dúvida, permitindo que o leitor conheça perfeitamente o lugar de onde olha a emissora, propiciando os filtros críticos necessários para

que importantes contribuições de muitas das críticas contidas no texto não se percam na forma dura e ácida em que são descritas.

Gestores, produtores, programadores de TVs do campo público, em geral, e das TVs Universitárias, em particular, certamente se beneficiarão com a leitura de "O Traço da Cultura", pois, se o livro não logra, nem de longe, consolidar um conjunto de propostas para contornar as questões levantadas, contém a virtude de apontar problemas e vícios de processos comuns em muitas das emissoras do campo público, mas de difícil visualização por aqueles que mergulham nesse desafio cotidianamente.

A principal questão do livro é a audiência da TV Cultura. Melhor dizendo, a absoluta falta dela, nos termos do autor, justificando o título da obra. Segundo Rodrigues, a TV Cultura, mais do que prestar pouco valor ao tema, recusa-se a construir estratégias para conquistar e fidelizar um número ampliado de espectadores, no temor de que a competição no mercado dos olhares nivele a programação da emissora pela mediocridade da TV aberta comercial brasileira. Sua tese de que a TV Cultura não vai muito além de ser um parque de diversões da elite cultural paulistana está ancorada na percepção de um certo hermetismo de alguns programas; na valorização da produção autoral, marcadamente cinematográfica e documentarista; na falta de preocupação com o "carisma" (sic) de apresentadores e comentaristas; em algo como uma "preguiça arrogante" na apresentação explicativa e contextualização de filmes, programas antigos e/ou externos, cujos conteúdos não pertencem ao repertório do grande público; além de graves descuidos com a grade, fazendo com que programas bastante atrativos sejam exibidos em horários inconvenientes ou inadequados para atrair a atenção de seu público potencial. Há que ser destacada aqui uma crítica pontual, mas relevante, à incorporação da produção cinematográfica na grade de programação da TV Cultura. Rodrigues aponta para o fato de que toda uma cinematografia experimental, sem compromissos com o público e financiada pelo Estado teria um espaço



privilegiado na programação da TV Cultura, que, invertendo suas prioridades, se sentiria da obrigação de dar alguma veiculação a esses filmes, em detrimento de sua audiência.

Pontuando sua análise do começo ao fim do livro, Rodrigues está convencido de que existe uma forma consagrada de formato televisivo, organizando desde a produção própria da emissora, até a forma com incorpora à sua grade filmes ficcionais e documentais e programas adquiridos de outras emissoras. Haveria que se criar algo como um envelope padronizado. Fora desse envelope, a audiência facilmente escaparia para as outras emissoras abertas. Exemplifica, em uma das passagens em que trata do assunto, com a programação dominical, na qual a parcela da população de menor poder aquisitivo fica refém de uma grade de baixa qualidade na TV aberta. Seria justamente a essa audiência que a TV Cultura deveria dedicar grande atenção, pois, em virtude de sua condição socioeconômica, seria composta por aqueles sem condições de comprar os serviços de canais fechados, TVs por assinatura, bem como de consumir outros bens culturais fora da TV. Entretanto, assinala, para chegar a essas pessoas, a TV Cultura não poderia deixar de comprometer-se com as especificidades daquele dia da semana e dos formatos consagrados nas tardes e noites de domingo: "(...) futebol, programas de auditório dominados por um determinado tipo de música popular e re-

<sup>1</sup> Rodrigues, Ernesto - *O Traço da Cultura: o desafio de ser ombudsman da TV Cultura, a emissora mais festejada e menos assistida do Brasil*. RJ, Editora Puc Rio / São Paulo, Editora Reflexão, 2014

vistas eletrônicas. Formatos ágeis de entretenimento. Ecletismo absoluto. Qualquer que seja a relevância cultural ou a qualidade desses conteúdos” (p.53).

Se muitas dessas críticas fazem algum sentido e podem ser sentidas sem maiores dificuldades por quem está sentado do outro lado da tela, não se pode deixar de dizer, igualmente, que o autor talvez olhe a TV Cultura por óticas estigmáticas, nas quais modelos cristalizados pelos anos de relação com o público ganham contornos de naturalidade. Seria de se imaginar, e mesmo esperar, que uma TV pública produzisse uma tensão nos contornos desses modelos, provocando seus pontos mais sensíveis, forçando-o a repousar sob novas formas. Surge, portanto, a pergunta: e por que razão a TV Cultura não o faz?

Qualquer conhecedor da história da emissora sabe que esta pergunta não tem legitimidade. A TV Cultura tem um passado de grande criatividade e vitalidade na cena televisiva brasileira, chegando mesmo a formar muitos dos melhores quadros de profissionais que hoje atuam na TV comercial. Mas, se é assim, qual a razão das críticas explicitadas em *O Traço da Cultura*? Rodrigues observa um momento muito particular da emissora, mas desconsidera ou minimiza a conjuntura do período em que exerceu o papel de ombudsman da TV pública paulista. Foi amplamente noticiado, sendo portanto fato conhecido do público externo, que este período foi marcado pelos mais

duros ataques à autonomia da Fundação Padre Anchieta, mantenedora da TV e da Rádio Cultura, desde a ditadura militar. Baseando sua crítica justamente na baixa audiência, o governo paulista, sob o comando de José Serra, promoveu cortes significativos no orçamento, fez prevalecer a tese de que a TV deveria ser mantida, ao menos parcialmente, por recursos próprio, oriundos da concorrência por anunciantes no mercado publicitário. Tampouco é segredo o conjunto de acusações de interferências do Palácio dos Bandeirantes na programação da emissora.

Embora nunca se tenha definitivamente provado essas interferências, o próprio testemunho do autor nas páginas 246 e 247 deixa margem a que se imagine uma pressão ilegítima do governador sobre a autonomia editorial da TV. Trata-se do relato dos episódios do dia 17 de outubro de 2008, “quando o dedo pesado do governador José Serra desfigurou o script do *Jornal da Cultura* durante a cobertura de uma greve de policiais civis que cercavam o Palácio dos Bandeirantes” (p.246). Rodrigues acredita que não passou de um evento isolado e que as acusações de interferência governamental seriam apenas uma crítica político eleitoreira do PT, na proximidade das eleições, dedicando todo um capítulo a demonstrar que, ao menos do ponto de vista político partidário, não havia qualquer tipo de interferência na emissora. Há quem discorde. O próprio autor, hoje, acusa um certo aparelhamento político da instituição.

De um jeito ou de outro, o importante é que as circunstâncias de funcionamento da emissora à época eram absolutamente atípicas e o autor talvez produzisse uma crítica mais rica, se tivesse dado outro enfoque ao problema, reconhecendo que a diretoria e os funcionários da emissora operavam sob a pressão de importantes mudanças institucionais.

Este aspecto do livro, entretanto, embora enfraqueça um pouco a tese de que a TV Cultura não avança sobre a audiência apenas por uma falta de visão mercadológica de seus funcionários, não invalida os eixos centrais das críticas feitas, cujo teor pode e deve ser objeto de reflexão dos dirigentes e produtores das diferentes emissoras do campo público. As TVs universitárias, em particular, com todo o potencial investigativo e experimental que possuem pela natureza própria das instituições que as abrigam, parecem naturalmente vocacionadas a contribuir com o campo público, desenvolvendo reflexão, pesquisas e projetos de experimentação sobre os principais pontos da crítica contida em *O Traço da Cultura*. Se a TV universitária for capaz de, olhando para si própria como modelo, identificar, fazer a crítica e formular saídas para os seus próprios vícios, discursos legitimadores de práticas de baixa penetração no público, gestão inadequada de pautas, formatos, grades e conteúdos certamente dará uma contribuição inestimável para o futuro do campo público da comunicação.